



Maria de Fátima Pinto Ribeiro

Portugal
E-mail: fribeirobranco@gmail.com

Ramiro Délio Borges Meneses

Portugal

Homem – realidade expectante e
projectiva em Pedro Laín Entralgo /
*Man - expecting and projective reality in Pedro Laín
Entralgo*

Abstract

Pedro Laín Entralgo, was born on 15-02-1908 in Urrea de Gaén (Teruel), descendant of province doctors (son and grandson), dedicated his life to the study of Philosophy, Science and History, becoming one of the Greatest thinkers of Spain. Considered a wise but modest man, he remained in the active until ninety-three years. Historian, humanist, physician and philosopher, must be seen and studied in the socio-political context of the time, although his work overcoming temporal barriers, leaving writings of great value to all who are interested in the study of the human person. He was a multidisciplinary scientist and an essayist and member of the Language Academies. Doctor of Medicine and a degree in Chemical Sciences. Doctor honoris causa by several Universities. His essays eventually led him from medicine to anthropology. He has authored many journalistic articles and more than forty essay books. Through the articulation between scientific knowledge and the most innovative impulses of contemporary philosophy, Laín Entralgo was able to keep the tradition of Spanish philosophy alive and prosperous and became a dedicated and vigorous teacher. Entralgo recognizes the intellectual debt he has with Xavier Zubiri, among others, but it is noteworthy that the former was able to autonomously pursue his line of thought.

Keywords: philosophy.

Pedro Laín Entralgo, nasceu em 15-02-1908 em Urrea de Gaén (Teruel), descendente de médicos de província (filho e neto), dedicou a sua vida ao estudo da Filosofia, da Ciência e da História, tornando-se um dos maiores pensadores de Espanha. Considerado um homem Sábio, mas modesto, permaneceu no activo até aos noventa e três anos. Historiador, humanista, médico e filósofo, deve ser visto e estudado no contexto sócio político da época, apesar de a sua obra ultrapassar barreiras temporais, tendo deixado escritos de grande valor para todos quanto se interessem pelo estudo da pessoa humana. Foi um cientista multidisciplinar e um ensaísta e membro das Academias da Língua. Doutor em Medicina e

licenciado em Ciências Químicas. Doutor *honoris causa* por várias Universidades. Os seus ensaios acabaram por o conduzir da medicina à antropologia. Foi autor de muitos artigos jornalísticos e mais de quarenta livros de ensaios. Através da articulação entre os conhecimentos científicos e os mais inovadores impulsos da filosofia contemporânea, Laín Entralgo conseguiu manter viva e próspera a tradição da filosofia espanhola e tornou-se num professor dedicado e vigoroso. Entralgo reconhece a dívida intelectual que tem com Xavier Zubiri, entre outros, porém é de salientar que o primeiro soube prosseguir autonomamente a sua linha de pensamento¹.

Pedro Laín Entralgo assume um pensamento humanista que apresenta o homem como uma realidade inquieta, insatisfeita e inacabada, uma realidade corpórea sempre em caminho, sempre em movimento, que crê espera e ama. Na opinião do autor a crença assegura a cada um a realidade do caminho da vida e da nossa realidade, enquanto vamos caminhando. A esperança concede-nos uma margem de confiança que nos permite acreditar que as nossas metas se realizarão mediante o esforço. Assim, na medida em que o sujeito se abre ao próximo e o transcende, pode também abrir-se ao absoluto de amor, perdão e futuro. Este acto de futuração é próprio, apenas, do ser humano. Deve ser analisada a espera humana, para ver como descobre o homem a realidade, como a realiza e como a constitui, e projecta.

O projecto é uma forma própria e primária da espera humana. E essa espera é um hábito da realidade psicofísica do homem, pois a mesma adquire carácter humano quando o homem ordena as possibilidades numa só e as converte em projecto. Todo o projecto, segundo Laín Entralgo resolve-se formulando uma quantidade de perguntas.

O estudo Antropológico de Laín Entralgo sobre a esperança é amplo em análise de elementos e diferentes aspectos. O homem não pode não esperar, porque a “espera” pertence à constituição mesma da sua existência, mas esta “espera” pode dar-se em esperança ou em “desesperança”. Por outras palavras, enquanto hábito de segunda natureza, a esperança pode adquirir-se ou perder-se.

A esperança, no processo vital de cada um, tem como sustento vivencial as suas crenças que têm um papel decisivo e fundamental na consciência da continuidade e do sentido da vida pessoal, assim como a aspiração naturalmente humana que se abre ao transnatural, ou sobrenatural.

REALIDADE EXPECTANTE E PROJECTIVA

O vocábulo “esperança”, do latim *sperantia*, traduz o desejo e a confiança do ser humano em alcançar um bem que deseja. O conceito de esperança está associado ao ser humano desde a sua existência inicial. De facto, só o homem tem a capacidade de esperar, pois sendo um ser inteligente não se acomoda e vive procurando conquistar sempre algo, vive na tentativa de concretizar o seu projecto.

1 LAÍN ENTRALGO, Pedro – *Corpo e Alma: Estrutura Dinâmica do Corpo Humano*. Coimbra: Livraria Almedina, 2003, pp.8-9

Emanuel Kant, um dos pensadores da Filosofia, na Introdução à Lógica, diz que a Filosofia visa responder a quatro questões: «Que posso saber?», «Que devo fazer?», «Que me é permitido esperar?» e «O que é o homem?». Segundo o filósofo de Königsberg, à primeira, responde a metafísica; à segunda, a moral; à terceira, a religião, e à quarta a antropologia, mas logo acrescenta que esta última reúne as outras três. Ou seja, segundo Kant, a antropologia sintetiza a três perguntas e deve reunir as outras três ciências, o que significa que para ele a esperança está intrinsecamente ligada ao ser humano. A esperança é constitutiva do ser humano².

Comentando esta posição, o pensador espanhol Pedro Laín Entralgo na sua obra sobre a esperança, com o título *La espera y la esperanza. Historia y Teoría del esperar humano*, considera que para Kant «o homem é um ser que, por imperativo da sua constituição ontológica, necessita saber, fazer e esperar», e acrescenta: «Um homem sem esperança seria um absurdo metafísico, como um homem sem inteligência ou sem actividade»³. Ora, a esperança não aponta para o imediato, ela implica o tempo futuro, a esperança implica esperar pelo tempo que está para vir.

A ESPERA E A REALIDADE

O acto de viver implica a visualização de um futuro, um futuro que envolve ciclicamente e ao mesmo tempo a morte do indivíduo e a permanência da espécie. Assim sendo, a futurição da existência animal traduz-se por uma espera que sendo considerada uma actividade primária do organismo animal, necessita da operacionalização de estruturas anatómicas variáveis com a espécie, sendo estas puramente bioquímicas nas espécies inferiores e neurológicas nas superiores. A espera requer também alguma constância do meio interno – homeostasia – uma vez que só assim se pode constituir a espera animal. A vida animal é obrigatoriamente vida em espera, sendo que a espera animal é a expressão de um tom vital vigilante mais ou menos formalizado: a temporalidade do animal. Deve sublinhar-se que a temporalidade do animal é antes de mais futuração específica e individualmente determinada e manifesta-se de modo primário com a espera e consecutivamente como memória e recordação. Segundo as palavras de Entralgo, «Enquanto fragmento do cosmos, o homem deve esperar, em certa medida aquilo que o cosmos lhe permite, ou aquilo a que o cosmos o obrigue»⁴.

Surge então a seguinte questão: O que espera realmente o animal? Espera viver concretizando a sua animalidade específica, porém no final morre sem que mais nada lhe traga à memória a sua vivência terrena em forma de tradição e história; e sem lembrança supra-terrena em forma de vida transmortal, pelo que a sua espera será uma “paixão inútil”⁵. Pode-se afirmar que a existência humana dá sentido ao reino animal, na medida em que funciona como suporte físico e precedente a uma

2 LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza. Historia e Teoría del esperar humano*. Madrid:Revista de Occidente, 1957, pp.13- 14

3 Ibidem p.14: «El hombre es un ser que, por imperativo de su propia constitución ontológica, necesita saber, hacer y esperar, y todo ello dentro de ciertos límites y conforme a ciertas normas. Un hombre sin esperanza sería un absurdo metafísico, como un hombre sin inteligencia o sin actividad.»

4 Ibidem, p. 452: «En cuanto fragmento del cosmos, el hombre debe esperar, en cierta medida, aquello a que el cosmos le permita o aquello a que el cosmos le obligue».

5 Cf. Ibidem, p. 467.

realidade que o excede, de facto, se o homem não tivesse existido o reino animal teria sido uma paixão inútil.

Ao observar a conduta humana, verifica-se que o homem, tal como outros animais, sente, recorda, procura, espera, joga e comunica, aprende e inventa. Então o que é especificamente humano? No desempenho dessas actividades o homem mostra que é qualitativa e essencialmente distinto do animal. Uma das características é a *liberdade*: porque é capaz de dizer não aos instintos, optar e escolher, o homem é um ser livre e moral⁶. A vida humana tem como base a liberdade e capacidade de criação, para além das actividades orgânicas. A espera real e física de um indivíduo psicossomático, a “esperança” humana tem necessariamente uma biologia. A sua existência consiste em esperar atentamente o futuro imediato (tal como o animal); porém a sua conduta revela duas posturas totalmente diferentes da animal: a resistência às sugestões de ordem instintiva oferecidas pelo meio e a autodeterminação da própria conduta num futuro remoto, totalmente distinto do presente entendido como o momento em que essa resolução foi tomada.

“A *vida no real*: ao contrário do animal, não vive na imediaticidade dos estímulos, distancia-se e vive no mundo enquanto conjunto de coisas reais, sendo ele próprio animal de realidades”⁷.

Poder-se-á dizer que a diferença existente entre a espera animal e a espera humana, consiste na renúncia às satisfações instintivas que o meio oferece e o corpo apetece, isto é, uma espera radicalmente supra-instintiva. Por sua vez, o homem pode também esperar acontecimentos absolutamente diferentes do conteúdo próprio da situação em que se encontra, que torna a espera supra situacional. Acrescente-se ainda que, no seio de uma situação determinada e sem sair dela a espera humana pode optar por um indefinido número de possibilidades. Cada situação particular permite-nos esperar uma verdadeira infinidade de eventos diferentes tornando-se espera indefinida.⁸

O ser humano, graças à sua inteligência, toma conta da sua situação, ordena as indefinidas possibilidades que esta lhe oferece, e selecciona uma entre todas elas para poder seguir vivendo. Tudo isto leva a que permaneça indefinidamente aberta, a até então fechada, relação do animal com o seu meio. Para poder subsistir este vê-se forçado a viver na sua situação, desde fora dela. Por isso diz-se que o homem é um animal descentrado pela sua inteligência — “excêntrico” — e portanto biologicamente inseguro⁹.

“O homem nunca está satisfeito, acabado, *a inconclusão* das suas acções e de si mesmo manifesta que a sua temporalidade e o seu ser têm um a estrutura essencialmente aberta, de tal modo que se deve dizer que o homem é simultaneamente

6 LAÍN ENTRALGO, Pedro – *O que é o homem: Evolução e sentido da vida*. Lisboa: Editorial Notícias, 2002, p.8

7 Cf. *Ibidem*, p. 8

8 Cf. LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza. Historia e Teoria del esperar humano*, p. 469

9 Cf. *Ibidem*, p. 470

o animal que projecta, que antecipa, que transcende sempre e que nunca está concludido”¹⁰.

O homem enquanto animal vive esperando, a sua futuração que consiste genericamente na espera. Levanta-se a seguinte questão: qual é a estrutura da espera humana? Laín Entralgo considerou sete momentos distintos:

- 1° *A finitude*: só um ser finito e inteligente é capaz de perguntar e portanto de esperar de modo humano; o facto de esperar perguntando revela a própria finitude: uma finitude de índole muito peculiar que não se conforma com seu próprio limite e que enquanto inteligente aspira a “tudo”.
- 2° *O nada*: a possibilidade que tem a questão dilata um “não saber” ameaçada pela resposta negativa. Portanto, a minha espera põe-me ante o “não ser”, faz-me existir dentro do horizonte do “nada”.
- 3° *A realidade*: a minha pergunta apoia-se sempre sobre uma base de crenças e pode-se dizer que a crença é a via pela qual a inteligência humana vive a sua constitutiva relação metafísica com a realidade. Enquanto espera o homem encontra-se na realidade
- 4° *O ser*: a “realização” da possibilidade implícita numa pergunta é sempre uma “entificação criadora” da realidade. Enquanto actividade conseguida, a espera humana, é a conversão sucessiva da realidade em ser.
- 5° *A infinitude*: todo o desejo da espera é a criação, toda a espera alcançada é para o homem uma abertura à infinitude. Esperar de modo confiante, e satisfatoriamente é sentir que se é de algum modo infinito.
- 6° *A abertura ao fundamentante*: o fundamento último da realidade não é só fundamental, mas também fundamentante. A quem sabe esperar, a existência abre - se-lhe ao descobrimento da sua constitutiva “religação”.
- 7° *A comunidade*: quem pergunta coexiste; quem espera co-espera. A espera humana não é um empenho individual, mas sim comunitário»¹¹.

A espera é uma atitude e uma actividade inerentes ao ser humano. Na espera constitui-se e manifesta-se algo intrinsecamente pertencente à realidade terrena do homem tal como a sua temporalidade. Enquanto ser vivente, o homem não pode não esperar, existe e tem que existir esperando. Enquanto hábito biológico da nossa existência, a espera traduz-se na vontade de seguir vivendo humanamente — instinto humano da conservação. Na sua espera o homem pretende existir no futuro sendo ao mesmo tempo “homem” e “ele mesmo” e quem diz “no futuro” diz “sempre”. A minha espera faz-me desejar e seguir vivendo “como homem” e “como eu” realizando situações em que se articulem uma pergunta e a antecipação mais ou menos acreditada e confiada de uma resposta congruente e desejando por sua vez que essas situações não deixem de ser “minhas”¹². Quem espera, move-se, actua, porque a sua espera não é nunca passiva nem é muda expectativa. Dormindo ou em vigília, viver é para o ser humano esperar e esperar viver em movimento

10 Cf LAÍN ENTRALGO, Pedro – *O que é o homem: Evolução e sentido da vida*, p.9

11 Cf. LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza. Historia e Teoria del esperar humano*, pp., 511-512

12 Cf. *Ibidem*, p. 515

lutando por diversas paixões. Esperando, o ser humano actua sobre a “realidade”. No acto de espera há que distinguir o momento em que o esperante recebe da realidade e o que lhe dá — o assumido ou apropriado e o estritamente criado. Há ocasiões em que a espera aparenta ser de pura e passiva recepção, no entanto, enquanto se espera, o homem pode entregar-se, e entrega-se sempre à actividade de projectar o que poderá ser o seu futuro, a sua vida, quando alcançar o esperado. A recepção do esperado não é nunca pura adição mecânica, mas sim incorporação vivente, apropriação e recriação. Noutras ocasiões predomina a operação criadora, pois é necessário que o homem actue na “realidade”, que conceba os factores para actuar humanamente.

Quer seja expectativa ou criação, a actividade da espera humana acaba sendo “recriação” — elaboração original de algo recebido e já de algum modo elaborado¹³.

A actividade de esperar pressupõe uma “entrega”. O simples acto de esperar, faz com que o esperante esteja comprometido, empenhado, entregue. Perguntando eu comprometo-me a esperar a resposta, e esse é o primeiro conteúdo da minha promessa à pessoa do interrogado.

O homem existe estando na “realidade” e aberto a ela. Porém a inteligência do homem é capaz de esgotar a realidade. Se a nossa intelecção fosse completa e evidente, a realidade deixaria de ser “crendada” e prometedora e seria “intelecta e concebida”; com ela o futuro se tornaria em eterno presente. Entendendo humanamente a realidade, possuímo-la, fazemo-la nossa, tornamo-la possível. Toda a história do mundo moderno é uma aventura presidida pela convicção de que conhecer é possuir. A realidade, em suma, é ao mesmo tempo mistério e problema. Não há realidades puramente misteriosas, nem puramente problemáticas. Uma mesma realidade será mistério para mim quando a vejo assombrosa e inesgotável e problema quando a olho como inteligível e resistente.

O meu contacto com a realidade mostra-a iniludível, resistente, assombroso, inteligível e possível. A minha vida, por outro lado, é futuração e é-o de um modo constitutivo e radical. Sou e tenho que ser sucedendo até ao futuro com um movimento duplo, cósmico e espiritual, contínuo e instantâneo. Qual deverá ser, segundo isto, o modo do meu contacto com a realidade? O projecto é a resposta dada por Laín Entralgo¹⁴.

O PROJECTO E A PERGUNTA

O projecto constitui a forma própria da espera humana. Tal como a vida do animal, a vida do homem é constitutivamente espera, mas com a capacidade de formalização e a inteligência próprias do ser humano, o que até ele vinha sendo “espera instintiva” — ou se se quiser “espera reflexiva” — dá um súbito salto até um novo nível que se traduz em “espera projectiva”. A espera projectiva do homem pode ser estudada desde a intimidade, mas também é possível estudá-la desde as estruturas anatómicas e funcionais - neurofisiológicas — que a exigem e a tornam

13 Cf. *Ibidem*, p. 519

14 Cf. *Ibidem*, pp.481-484

possível. Através da via pneumatológica (do espírito) é possível aceder ao estudo da esperança. Não se trata, todavia de analisar a esperança desde a nossa intimidade espiritual, mas sim de contemplar “desde fora” teoreticamente, o modo da realidade que chamamos “espírito” e de conjecturar qual pode ser o género da sua relação com o futuro¹⁵.

A adivinhação, a magia e a ciência são actividades humanas muito distintas entre si. Mas por baixo das suas grandes diferenças, as três são expedientes de uma mesma pretensão, o domínio e o conhecimento do futuro, e nelas se revela a condição espiritual do homem.

O homem demonstra que a sua inteligência é capaz de envolver o cosmo e de contemplá-lo desde fora, quer seja de modo parcial ou abrangente. Demonstra deste modo, que é espírito além de ser corpo material. Devemos aceitar a sucessão temporal do nosso próprio corpo — com suas idades, seus ritmos vitais e seus processos fisiológicos — e propormo-nos dentro dela uma meta até a qual pode chegar a nossa liberdade finita e encarnada. Por uma exigência inexorável da sua realidade o espírito encarnado vê-se obrigado a existir, projectando o seu próprio futuro. «O corpo humano “exige” que a espera humana seja um projecto, e o espírito humano — espírito encarnado — “vê-se obrigado” a esperar o seu futuro concebendo-o como projecto. O projecto — um projecto obrigatoriamente ligado às possibilidades da realidade corpórea em que o espírito humano se encarna — é, pois, a forma própria e primária da nossa espera»¹⁶.

O projecto é uma volição e uma pergunta. Quando delinheiro o meu projecto eu quero algo da realização compreendida e do meu próprio ser e pergunto algo. Desde o seio mais íntimo e livre da minha vontade aspiro a ser: “Ser” é o que eu quero da realidade, chegar a “ser”. Portanto, por necessidade, terei de perguntar e perguntar-me acerca do modo de poder sê-lo.

O carácter imprevisível e inseguro da nossa relação com a realidade cobra a sua expressão lógica na pergunta. Por isso todo o projecto deve resolver-se apenas formulando uma imensidão de interrogações. Assim sendo, o projecto e a pergunta são indissociáveis, pois se o projecto contém sempre a pergunta, esta por sua vez inclui o projecto.

A minha vivente e constitutiva necessidade de futuração e o modo da minha relação com a realidade são a causa de que a minha existência seja projecto e pergunta. Viver humanamente é projectar e perguntar; quem projecta pergunta e quem pergunta, projecta¹⁷.

«Etimologicamente, “perguntar” significa, “sondar o fundo de um rio” (...) e por extensão metafórica “sondar o interior de um homem”. Quem pergunta algo a ou-

15 Cf. *Ibidem*, p.476

16 *Ibidem*, p. 480: «... el cuerpo del hombre “exige” que la espera humana sea un proyecto, y el espíritu humano — el espíritu encarnado — “se ve obligado” a esperar su futuro concibiéndolo como proyecto. El proyecto — un proyecto forzosamente atenido a las posibilidades de la realidad corpórea en que el espíritu humano se encarna — es, pues, la forma propia y primaria de nuestra espera.»

17 Cf. *Ibidem*, p.485

tro sonda verbalmente a sua alma, com o objectivo de saber se nela existe ou não uma resposta adequada à sua interrogação»¹⁸. No entanto nem todas as perguntas têm resposta. Há perguntas cuja resposta é humanamente impossível e outras em que é mais ou menos possível uma resposta congruente. Frente às perguntas absurdas, as perguntas viáveis — aquelas para as quais sabemos possível uma resposta idónea — não dão cuidado, porque põem em jogo a nossa própria existência; o qual vale tanto como afirmar que o sujeito da possibilidade a que elas se referem é, no último extremo, a existência mesma do interrogante na sua relação com a realidade. A pergunta de resposta possível é uma via para que eu “seja”; a área de possibilidades que abre pertence à minha própria possibilidade de ser uma coisa e não ser as restantes. Saber a resposta é para mim um novo modo de ser; a minha pergunta expressa uma pretensão de “ser”.

“Ser algo mais” — será que o homem no curso da sua vida poderá chegar a “ser mais” do que era? Para Laín Entralgo “ser mais” equivale a realizar mais acabadamente a própria vocação.

Viver humanamente neste mundo é projectar, projectar é perguntar e perguntar é querer ser algo¹⁹.

Toda a pergunta assenta numa trilogia um “quem”, um “quê” e um “a quem”. No nosso caso: quem pergunta? — Eu, tu ou o outro; um homem concreto. O que pergunta esse homem? — Pergunta o modo de chegar a ser algo do que ele realmente quer ser. A quem pergunta? Pergunta à realidade, à sua própria realidade e à do mundo. Perguntando o homem pretende ser algo do que quer e pode ser. Mas bastam estas palavras — “pode ser” — para advertir que a resposta também conduz a “não ser” aquilo que se pretendia ser. Três eventualidades distintas: fracasso, morte e despersonalização, podem fazer com que eu “não seja” o que aspirava a ser. A minha possibilidade de ser encontra-se circunscrita e ameaçada pela minha variada e constante possibilidade de não ser. Mais concisa e geral: a pergunta é uma pretensão de ser que inclui a possibilidade de não ser. A pergunta abre a mente humana à perspectiva da sua própria finitude e ao nada, posto que nada é não ser. Toda a interrogação humana traz implicitamente uma dupla discriminação: no momento de perguntar, o interrogante sabe quase sempre a quem ater-se a respeito da possibilidade ou impossibilidade da resposta e tanto de modo genericamente humano, como no que diz respeito à sua pessoal existência e à sua ocasional situação²⁰.

A pergunta abre à mente humana a perspectiva da sua finitude e do nada, mas também revela uma parte das crenças sobre a qual se apoia a existência interrogante. A crença é o estado mental ou a função cognitiva da realidade. No acto de crer anula-se a consciência humana “a agitação teórica” própria da dúvida e da investigação e a existência do crente apoia-se calmamente na realidade em que crê.

18 Ibidem, p. 486: «Etimológicamente, “preguntar” significa, en consecuencia. “sondear el fondo de un río [...], y por extensión metafórica, “sondear el interior de un hombre”. Quien pregunta algo a otro sondea verbalmente su alma, con objeto de saber si en ella existe o no existe una respuesta adecuada a la interrogación.»

19 Cf. Ibidem, p. 488

20 Cf. Ibidem, p. 490

Segundo Laín Entralgo, para W. James, «a crença é um elemento constitutivo e radical da vida humana: “Só deixamos de crer uma coisa quando cremos mais firmemente outra que contradiga a primeira... Creamos tanto, como podemos. Se pudéssemos, acreditávamos tudo... O facto principal da crença é que a crença é a nossa primitiva credulidade (ingenuidade). Começamos por acreditar em tudo; tudo o que é, é verdade”»²¹. Num primeiro momento, a nossa atitude consiste em acreditar nas nossas crenças e só posteriormente pensamos e reflectimos; construimos uma realidade mais ou menos racional, mas que tem sempre como base aquilo em que acreditamos.

Por sua vez, Ortega diz: “as crenças são por oposição às ideias”; o continente das nossas vidas são, por outro lado, as ideias que somos, “não as ideias que temos”; vivemos delas, estamos nelas e não nos encontramos com elas, senão nelas, em nossas crenças, vivemos, nos movemos e somos, elas operam já no fundo de nós quando nos pomos a pensar sobre algo e por isso não sabemos formulá-las. Só que nos contentamos em aludir-lhes, contamos com elas e elas constituem a base da nossa vida²².

Devemos definir o conceito de crença desde o ponto de vista psicológico, moral e metafísico. Psicologicamente a crença é um componente fundamental e latente da existência humana, conexo com a afectividade, a vontade e a inteligência, por obra da qual discernimos o que para nós é real do que não é. Moralmente chamamos crença à nossa relação com tudo aquilo pelo qual somos capazes de sofrer e, em casos mais graves até de morrer. O que se crê define-se na ordem moral, porque não sabemos viver sem ele. Metafisicamente é uma estrutura básica e prejudicial da existência humana, por obra da qual o homem sente como “realidade efectiva” a constitutiva “abertura à realidade” do seu ser e descobre que além do limite da sua própria finitude há necessariamente algo sem o qual não seria possível existir. Essa necessidade do ser humano é subjectiva e constitutiva, psicológica e ontológica. Esta tripla concepção da “credencialidade” humana permite compreender claramente o decisivo e fundamental papel que as crenças desempenham na consciência da continuidade e no sentido da vida pessoal. Só através da perduração de um sem número de crenças básicas posso sentir-me hoje “o mesmo” que ontem e pelo contrário sente-se o homem “outro” diferente do que era quando muda o conteúdo das suas crenças²³.

O acto de perguntar não é importante apenas em relação à crença, também assume especial relevância relativamente à ligação com a criação. Todo o acto humano pessoal é um acto de criação, desde o de fazer “meu” o conteúdo de uma resposta à mais quotidiana das perguntas, até os de escrever um poema ou um novo sistema filosófico. Qualquer que sejam a seu nível e a seu modo, são fontes de novas possibilidades para a existência humana, novas possibilidades de fruição estética,

21 Ibidem, p. 491: «es la creencia un elemento constitutivo y radical de la vida humana: “Sólo dejamos de creer una cosa cuando creemos más firmemente otra que contradice a la primera... Creemos tanto como podemos. Si pudiéramos, lo creeríamos todo... El hecho rector de la creencia es nuestra primitiva credulidad. Comenzamos por creerlo todo; todo lo que es, es verdad.”

22 Cf. Ibidem, p. 491

23 Cf. Ibidem, pp. 493-994

de saber filosófico, de inteligência do universo, de satisfação da sede de nos enfrentarmos com o futuro ou mais genericamente de “ser”. Novos modos de ser, isto é, novos seres²⁴.

O ser humano tem a capacidade de criar novas possibilidades de contemplar e manusear a realidade, novos modos de ser nela e com ela.

A crença abre a existência concreta do homem à realidade em que ele constitutivamente está; a criação põe-no imediatamente diante da novidade do ser. Criar humanamente, significa executar uma acção com originalidade, ousadia, gratuidade; é a contingência da abertura à infinitude e ao gozo doloroso. A criação é a actividade pela qual o homem mais se assemelha a Deus (Deus Criador) e é também a operação em que mais directa e pragmaticamente se lhe evidencia a religação, a constitutiva implantação da sua realidade e da realidade das coisas na trans-realidade infinita, frontal e fundamentante de Deus.

Toda a pergunta implica a existência de outrem a quem se coloca a questão. Pergunto a “outro” e a minha interrogação é uma das formas em que se expressa verbalmente essa estrutura radical da existência humana a que chamamos “coexistência” e “convivência”. Quando interrogo convivo relaciono-me. O sujeito da interrogação é o “eu” do interrogante, mas um eu constitutivamente implicado numa relação “eu-tu”. No entanto, há perguntas que o homem formula na mais completa solidão — o artista, o filósofo e o homem de ciência perguntam, isoladamente, pelo caminho que os conduz aquilo a que aspiram. Mas não perguntam a si próprios. Esses homens perguntam à realidade que não são eles, perguntam ao “outro”. E em “o outro” não está acaso implicado “o outro” com um género de implicação distinto do que relaciona o eu com a realidade cósmica? Se o homem está só e sente a sua solidão (de maneira penosa ou não) é porque constitutivamente existe no âmbito da coexistência. Ser homem é estar aberto aos outros, “é ser com-os-outros”²⁵.

O horizonte da nossa “coexistência” está definido pela nossa “co-hombridade”, porque quer se queira quer não começamos a viver o nosso encontro com um radical “nós físico”, isto é, não nos podemos esquecer da nossa comum condição de homens²⁶.

O Mundo que eu tenho em comum com o outro é o decurso da co-possibilidade até ao co-projecto e até à decisão em que este se actualiza e revela²⁷.

A ESPERANÇA

Esperar é projectar e perguntar, e o projecto e a pergunta assentam sempre sobre uma confiança mais ou menos firme e segura no alcance efectivo do que como mera possibilidade de ser se projecta. Confiança mais ou menos firme, nunca absolutamente certa.

24 Cf. *Ibidem*, p. 501

25 Cf. *Ibidem*, p. 509

26 LAIN ENTRALGO, Pedro – *Teoría y realidad del otro*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p.439

27 Cf. *Ibidem*, p. 442

A esperança é a “espera confiada” e espera confiada é despreocupação. Viver “despreocupado” é esperar o futuro tranquilamente com o ânimo isento da preocupação que o futuro dá. Trata-se da confiança de quem espera “ser sempre”.

Laín Entralgo chama esperança a um hábito da segunda natureza do homem, por obra do qual este confia de modo mais ou menos firme na realização das possibilidades de ser que pede e brinda a sua espera vital (hábito de 1^a natureza) e diz que a “desesperança” consiste em desconfiar de modo mais ou menos extremo do alcance do ser a que a espera tende. Nem a esperança é uma “segurança positiva” na conquista do que se espera, nem a desesperança pode ser uma “segurança negativa”, uma e outra são formas de tensão “segurança-insegurança”, isto é, quem espera não o pode fazer totalmente confiante na possibilidade de obter o esperado, porque não há espera inteiramente isenta de insegurança e de “desesperança”; assim como esta, nunca está também totalmente isenta de uma confiança de se vir a obter algo. Assim a dualidade segurança e insegurança associam-se e articulam continuamente

O esperançado é portanto um homem que ao longo da sua vida se habituou a confiar no bom êxito da conquista do futuro.

A primeira pretensão da espera é vivida confiadamente na existência concreta quando a “fiança” que aquela inclui se transforma de maneira habitual em “confiança”. Espera e confiança são, pois, os elementos básicos da estrutura antropológica da esperança²⁸.

Na esperança há maior liberdade interior e o seu futuro é um tempo aberto a um horizonte de possibilidades não previsíveis: assim, esperar “algo” supõe esperar “tudo” mesmo que o esperante não o sinta expressamente e esperar “tudo” só seja possível concretizando o “tudo” numa série indefinida de “algos”.

Todo o projecto supõe uma margem de gratuidade; e para ser “meu”, na minha existência terrena, todo o gratuito tem de se transformar em projecto. “O mais certo do futuro é sempre algo incerto”²⁹.

A esperança, refere-se sempre a um “ser feliz” e a um “ser sempre”, porque uma e outra têm por base um acto pessoal. É a meta dos que projectam, calculam e triunfam, se o gozo de triunfar não se converter em soberba.

Quando eu “creio” que me é possível alcançar o que a minha espera vital deseja e pretende, essa crença é a minha confiança. O confiante é o homem que sem menosprezar as previsões e as cautelas aceita no contexto da sua vida a pretensão de seguir sendo, que reside no fundo do seu ser. Confiança é entrega, descanso naquele que se confia; o confiante confia ao mesmo tempo na sua virtude própria e na eficácia da virtude alheia. Com a margem de reservas e cautelas que a nunca excluível “difiança”³⁰ imponha, confia na realidade, em todo” o real. A minha

28 Cf. LAIN ENTRALGO, Pedro – *La espera y la Esperanza*, p. 546

29 Cf. *Ibidem*, p. 548

30 Laín Entralgo utiliza este neologismo em complemento da palavra desconfiança, já que para ele esta é confiança perdida, enquanto que “difiança” é carência de confiança por nun-

confiança num futuro concreto exige necessariamente a confiança noutros futuros relacionados com aquele. Mas não há verdade para o homem cujo conhecimento não comporte alguma segurança para o futuro próprio de quem a conhece e possui, isto é, alguma confiança. Só pôde existir confiança no ser humano se o conhecer, logo para confiar é necessário conhecer. A sua estrutura material compreende, num primeiro exame, o universo inanimado, a esfera do vivente e o mundo humano. A confiança em “algo” implica obrigatoriamente a confiança no cosmos, na vida biológica e nos homens. A confiança de um homem noutro torna-se eminente e expressa-se na “confidência”, no facto de ao homem se poder confiar. A crença peculiar que é a confiança revela optimamente o seu alcance real nos actos de autêntica criação. A actividade “pessoal” do homem — que para ser verdadeiramente “pessoal” tem que ser nalguma medida “criadora” — torna patente que aquele em quem confia a confiança é algo ao qual correspondem as seguintes notas: a gratuidade, a condição fundamentante, a transcendência e a finitude. Por tudo isto a realidade é “crendada” e o homem confia nela. A essencial gratuidade do acto criador constitui a prenda ou a oferta com que a realidade se nos mostra merecedora de crédito — “acreditada”, digna da nossa confiança³¹.

O que é o que o esperançado espera? Espera sempre “algo” e “tudo”. Espera a alegria da possibilidade concreta de ser, que ele projectou, para nela seguir sendo o mesmo todo ou o plenamente possível que a sua existência terrena o permita. Desde a sua concreta situação pessoal o esperançado confia em “ser homem”, “ser ele mesmo” e “ser mais” numa situação futura.

Lain Entralgo diz sobre o esperançado «...no “caminho do ser” que minha pessoa anseia e projecta desde o fundo de si mesma: existir no mundo é “estar sendo” em caminho ou em pretensão de “ser plenamente”. Se não fosse assim, eu não teria esperado verdadeiramente aquele “algo”. Espero, em suma, “seguir sendo eu mesmo” e “possuir a minha própria vida” de um modo cada vez mais rico, profundo e lúcido»³².

O crescimento biológico e psíquico de um indivíduo humano é o curso de uma “luta pela auto realização”, luta na qual se vai conquistando a paulatina conversão do “eu ideal” no “eu real”; quando eu espero “algo”, e independentemente do particular conteúdo desse “algo”, a minha esperança move-se até à meta sucessiva e ascendente chamada “auto-realização”. Do ponto de vista subjectivo, essa meta tem um nome muito preciso e específico é a “felicidade”. O homem espera a sua felicidade através dos sucessivos “algos” a que os seus projectos conduzem. A índole da existência terrena do homem, a condição - ontologicamente necessitada e “precária” da vida humana, fará mais ou menos dolorosa e áspera essa felicidade. O nosso desejo de alcançar a felicidade projecta-nos sempre até à transcendência, mesmo quando parece mais perdurável, porque as nossas aspirações só são

ca a haver chegado a ter.

31 Cf. *Ibidem*, p. 551

32 *Ibidem* p. 553: «... en el “camino de ser” que mi persona ansía y proyecta desde el fondo de sí misma: existir en el mundo es “estar siendo” en camino o en pretensión de “ser plenamente”. Si no friera así, yo no hubiera esperado verdaderamente aquel “algo”. Espero, en suma, “seguir siendo yo mismo” y “poseer mi propia vida” de un modo cada vez más rico, profundo y lúcido.»

verdadeiramente pessoais, isto é, criadoras, quando secretamente aspiram a “ser sempre” e a “ser tudo”. E estas expressões, não serão então modos humanos de evocar o transcendente? O bem que o homem espera é sempre o “sumo bem”, um bem completo e total, de outro modo esse homem não seguiria esperando depois de ter conseguido o bem particular de uma de suas “esperanças determinadas”. Mas o “sumo bem” é por definição infinito e quem espera é uma pessoa individual e finita. Por isso, ele sente a necessidade de uma participação plena num “sumo bem” transcendente da realidade humana, a plena posse do “tudo o que ele pode ser” no seio de um Bem que é “Sumo” porque envolve e fundamenta todo o ser possível”. O homem espera por natureza algo que transcende a sua natureza: o natural no homem é abrir-se ao transnatural. A condição de “sumo bem” que o objecto da esperança possui, revela muito claramente que esse objecto não é um bem individual, senão compartilhado. O “sumo bem” ultrapassa e transcende todos os bens particulares e esperanças sucessivas, os que, por sua vez, se transformam sempre em real e forçosa dependência mútua com os que em suas respectivas existências se tenham proposto e venham a propor aos outros homens.

CONCLUSÃO

Sabendo-o ou não, o homem aspira a uma felicidade em que viver seja conviver. “Convívio” também na ordem da mera natureza é a esperança em que confluem todas as minhas esperanças e as esperanças de todos os homens. Quem espera na esperança humana? Espera o homem. Espera um ente finito e inteligente que não se conforma com a sua própria finitude, que é, portanto, “precário”. Enquanto conhecedor inteligente da sua própria finitude e por ser conhecedor não se contenta com ela, o homem é um ente cujo modo primário de ser é a prece. Viver humanamente é viver precariamente, na plenitude que se espera. O projecto, a pergunta e a criação são as formas naturais da precariedade humana; a oração é a sua forma religiosa³³.

Espera, pois, o ente inteligente, finito e futurizador a que chamamos “homem”. Mas o que é que no interior deste espera? Posto que a esperança é um movimento do ânimo até ao bem futuro, na estrutura psicofísica do ser humano esperam de maneira específica aquelas “faculdades” cuja actividade consiste num apetecer o futuro: o apetite sensível e a vontade. O homem espera com o seu apetite sensível e com o seu apetite racional ou vontade, desejando e querendo o objecto da esperança; espera com inteligência movendo-se intelectivamente até à concepção dos projectos de ser em que essa esperança se concretiza; espera também com o seu corpo, pondo em actividade as estruturas funcionais neuroendócrinas, aspirando a uma imortalidade definitiva; espera, enfim, com a sua memória enquanto que com ela actualiza entre tudo o que ele já foi, aquela parte que melhor pode servir para o alcance do que esperançadamente quer³⁴.

Mesmo que o indivíduo esperante não o sinta assim, a sua espera é sempre uma “co – espera”: sua esperança é “co-esperança”, um duplo e muito profundo sentido: desde o ponto de vista do esperado, porque o bem que constitui o objecto da

33 Cf. *Ibidem*, p. 557

34 Cf. *Ibidem*, p. 558

esperança genuína é, como sabemos, um bem compartilhado; e desde o ponto de vista de quem espera porque sua existência é em todo o momento co – existência.

Existindo, co-existo com todos os homens; esperando co-espero com os homens todos. A minha esperança faz-me amar os homens porque partilhamos juntos a espera. O sujeito que espera não está só: o objecto esperado é compartilhado e a existência de quem espera é coexistência. Existir é co-existir; o meu amor pelos homens faz-me esperar com eles. A través de cada ser humano espera o mundo inteiro³⁵.

BIBLIOGRAFÍA

- GRACIA, Diego - *La empresa de viver: Estúdios sobre la vida y la obra de Pedro Laín Entralgo*. Barcelona: Círculo de Lectores, 2003.
- LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza. Historia e Teoria del esperar humano*. Madrid: Revista de Occidente, 1957.
- LAÍN ENTRALGO, Pedro – *Teoria y realidad del otro*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- LAÍN ENTRALGO, Pedro – *O que é o homem: Evolução e sentido da vida*. Trad. do espanhol por Anselmo Borges; Daniel Serrão; João Maria André. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.
- LAÍN ENTRALGO, Pedro – *Corpo e Alma: Estrutura Dinâmica do Corpo Humano*. Trad. do espanhol por Miguel Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 2003.

35 Ibidem, pp.561-562